

## Sobre o Desejo

*Yara Amorim Souza Leão*

Os psicanalistas, e, particularmente, os que buscam nas teorias de Freud e de Lacan as balizas para a construção da prática clínica se deparam com o termo **desejo** que ao tempo que os convoca a situá-lo como concernente ao centro da teoria e prática da psicanálise, os remete também aos vários significados postos no cotidiano.

Fala-se em desejo como vontade de alcançar algo, de realizar sonhos, de satisfazer necessidades, fala-se do desejo referido à libido e à sexualidade. Em todo caso a palavra desejo é largamente utilizada e comporta tantos significados que não dá para nos reportarmos a ela sem sublinharmos que no campo psicanalítico o **desejo** é absolutamente contrário ao termo vontade como algo deliberado e consciente. Talvez, por isto mesmo, não seja algo compreensível de chofre, pois remete sempre ao campo do desconhecimento, do inconsciente, da própria constituição do sujeito. Trata-se de um conceito que foi ganhando um sentido tão próprio que, como já anunciamos, é nuclear para a teoria e a prática psicanalítica.

Assim, a “compreensão” do **desejo** é algo de uma certa mobilidade que ora me escapa e ora me é revelada. Portanto, escrever, pode ser uma forma de ordenar o que passível de compreensão. Vamos ao texto.

Quando Freud percebe que os sintomas histéricos não são fingimento ou algo conscientemente deliberado, mas o que existe é algo que foge da compreensão e da vontade daqueles a quem observa e escuta, descobre o inconsciente e faz, inicialmente, uma tentativa de elucidar o seu mecanismo a partir do paradigma biológico, desse modo, a idéia de desejo estaria ligada a da realização alucinatória, ou seja, dado o desencontro entre a pulsão e o objeto, o desejo aparece como um mecanismo inconsciente de uma representação alucinatória da realização da primeira experiência satisfatória.

Embora Freud não tenha articulado uma teoria sobre o desejo, os elementos por ele articulados sobre o inconsciente serão os trilhos seguros por onde Lacan caminhará para apontar que ainda que o desejo e a necessidade estejam aludidos a uma tensão interna onde o organismo é impelido para uma determinada direção, se diferenciam radicalmente. Na necessidade a tensão é da ordem física, biológica, e é reduzida a partir da satisfação do “encontro” com um objeto real, já a relação do **desejo** não é com um objeto real, mas com um objeto simbólico que aponta sempre para uma falta impossível de ser satisfeita, pois onde o **desejo** encontra um objeto (objeto *a*), ou seja, o significante encontra um significado transforma-se num novo significante, mantendo-se, desse modo, o **desejo** e sublinhando o objeto da satisfação como *objeto perdido para sempre*.

Lacan, ao retomar o discurso freudiano aponta também que essa idéia de desejo como uma satisfação sempre adiada e nunca atingida é tributária a Hegel que afirma ser o desejo um vazio, uma falta que ao se deslocar do objeto natural para um objeto não natural, que é o próprio desejo, retira o homem da sua condição de animal (*em-si: consciência*) para lhe conferir um estatuto propriamente humano (*para-si :autoconsciência* ). Essa passagem da *consciência* para *autoconsciência* é mediatizada pelo desejo do outro.

Ao afirmar que “o desejo do homem é o desejo do outro” Lacan o faz, ancorado nesse modelo hegeliano, mas há uma diferença radical entre eles: para Hegel a operação de se reconhecer a partir do outro é uma operação consciente, racional, já para a psicanálise é inconsciente. Assim, é o inconsciente que vai diferenciar a concepção de desejo advinda do modelo hegeliano para a concepção psicanalítica.

A afirmação do **desejo** como algo inconsciente não significa apenas que o sujeito desconhece seus desejos mais escondidos, mas diz respeito à própria concepção do sujeito. Para a psicanálise, diferentemente da psicologia, da sociologia, etc., o sujeito não é uma unidade, um indivíduo, cujo desconhecimento de parte dos desejos se origina em si mesmo, mas dois sujeitos: *o sujeito do enunciado* que é o sujeito social portador do discurso manifesto, e que

desconhece o outro, o *sujeito o da enunciação*, e o conteúdo da mensagem que este porta.

Na relação dos dois sujeitos, o *sujeito da enunciação* é o sujeito velado, ligado dos elementos significantes do inconsciente e portador do **desejo** que o *sujeito do enunciado* enuncia sem saber. É a partir desse não saber do *sujeito do enunciado* que a prática psicanalítica se propõe a desvelar o *sujeito da enunciação*.

Entendemos então, que é apenas a partir da clínica psicanalítica que há a possibilidade da explicitação do **desejo** que o sujeito porta sem saber; fora disso o que aparece são os desejos expressados como vontade, necessidade, mas seja como for, apontam e se aportam em diferentes objetos que vão infinitamente recolocar o lugar da falta que funda o humano.